

A PERSPECTIVA FREUDIANA SOBRE O FENÔMENO RELIGIOSO

FREUD'S PERSPECTIVE ABOUT RELIGIOUS FENOMENON

Caroline Gonzaga Torres ¹

Resumo

Define-se o totemismo, sistema antecessor ao sistema religioso. Remonta ao mito do pai primevo e ao Complexo de Édipo, para tentar compreender as idéias religiosas. Aponta os fundamentos teóricos lançados por Freud que tratam do sujeito nas relações sociais, onde se encontram as práticas religiosas, a fim de acompanhar de que maneira a religião apresenta uma tentativa de responder ao sujeito sobre sua origem. Conclui indicando que, para Freud, a religião seria uma reedição do sentimento de desamparo infantil e seria explicitada pela necessidade inconsciente de proteção e balizamento das ações e procedimentos pessoais contra o destino que é desconhecido.

Palavras-chave: Psicanálise, Religião, Complexo de Édipo, desamparo infantil.

Abstract

It is defined totemism, predecessor system to the religious system. It goes back to the myth of the primal father and the Oedipus complex, to try to understand the religious ideas. It sets out the theoretical foundations laid by Freud dealing with the subject in social relations, where are the religious practices in order to monitor how religion presents an attempt to respond to the subject of its origin. Concludes by indicating that, for Freud, religion is a reprint of the feeling of infantile helplessness and would be explained by the unconscious need of protection and buoyage of the procedures and actions personal against the unknown fate.

Keywords: Psychoanalysis, Religion, Oedipus complex, infantile helplessness.

¹ Psicóloga, Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará, Membro em formação básica do Corpo Freudiano – Seção Fortaleza.

1 - INTRODUÇÃO

Freud, em seu percurso de construção da Psicanálise, além de propor algumas teorias sobre a constituição do sujeito do inconsciente, interessou-se pela relação do sujeito com os objetos do mundo externo, isto é, pelo modo como o sujeito se relaciona no campo social, incluindo as práticas religiosas. Desta maneira, o autor abriu caminho para um amplo debate entre psicanálise e religião, psicanálise e antropologia, à medida em que mostra semelhanças e diferenças entre os mitos fundadores, os sistemas religiosos e o modo como o sujeito toma para si uma posição na estrutura subjetiva.

Mesmo declarando-se publicamente como um ateu convicto, Freud manifestou grande interesse pelo estudo do fenômeno religioso e empenhou-se seriamente em empregar elementos-chave da teoria psicanalítica para interpretar as origens e a natureza da religião. Seu posicionamento, porém, diante da religião, é divulgado, com frequência, de uma maneira negativa e crítica.

Na leitura dos principais textos de Freud sobre a religião observa-se que, além da crítica presente, neles se encontram novas perspectivas para um possível diálogo entre a psicanálise e a religião. Em *Totem e Tabu* (1913/1996a) é possível encontrar esclarecimentos sobre a origem do totem e as diferentes formas de tabu.

O totem (representado por plantas, animais ou fenômeno) pode ser compreendido como instituição primitiva que deixou vestígios nas religiões, ritos e costumes dos povos civilizados contemporâneos e o tabu corresponde a prescrições rigorosas cuja violação traz sérias conseqüências e castigos para os membros de um grupo. No que é possível perceber, o totem define uma consangüinidade na qual se inscreve uma lei para deter o indivíduo ante o incesto. Por isso Freud (1913/1996a) considerou a renúncia como a base para o tabu.

Além da definição do sistema totêmico e da descrição das diversas formas de tabus, Freud, baseado em hipóteses científicas apresentadas por grandes etnólogos de seu tempo, reconstrói o mito da morte do pai primitivo e vê neste mito as origens da mais antiga forma de religião (o totemismo), bem como da moral e da vida social.

Partindo da observação da refeição totêmica, Freud (1913/1996a) lançou a hipótese da existência de um pai primitivo. O mito do pai primevo descreve uma situação mítica em que os filhos mataram e devoraram o pai tirânico colocando fim à horda patriarcal. Após o assassinato, os filhos rejeitaram sua ação e, logo em seguida, deram origem a uma nova ordem social na qual se configura a exogamia, renúncia à posse das mulheres da tribo, e a proibição do assassinato do substituto do pai, figura representada pelo totem. Em outras palavras, a morte do pai da horda fez surgir um ideal que corporificava o poder ilimitado do pai primevo contra quem os filhos haviam lutado, assim como a disposição de submeter-se a ele. Freud pôde constatar que este ideal seria encontrado nas religiões, em que a idéia de Deus representaria a de um pai glorificado e também afetaria as organizações sociais. De acordo com o autor,

Embora o totem possa ser a primeira forma de representante paterno, o deus será uma forma posterior, na qual o pai reconquistou sua aparência humana. Uma nova criação como esta, derivada do que constitui a raiz de toda forma de religião — a saudade do pai — poderia ocorrer se, no decurso do tempo, alguma mudança fundamental se houvesse efetuado na relação do homem com o pai [...]. (Freud, 1913/1996a, p. 151)

Em *O Eu e o Isso* (1923/1996c), este mito reaparece na constituição do sujeito

da seguinte maneira: a criança, do sexo masculino especificamente, em idade precoce, desenvolve um investimento objetal pela mãe, relacionado ao seio materno, e que é o protótipo de uma escolha de objeto, o menino trata o pai identificando-se com este. Por algum tempo, estes dois relacionamentos avançam lado a lado, até o momento em que os desejos sexuais do menino em relação à mãe aumentam e o pai passa a ser percebido como um obstáculo entre eles, fazendo surgir o Complexo de Édipo. Em linhas gerais, o Édipo designa o conjunto de relações que a criança estabelece com as figuras parentais e que constituem uma rede em grande parte inconsciente de representações e afetos (Kaufmann, 1996).

Se a morte do pai primevo faz surgir um ideal que norteia o fenômeno religioso e se atualiza na constituição do sujeito, de que maneira este mito reflete nas organizações sociais? A teorização proposta por Freud encontra-se no texto *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921/1996b) aonde o autor nos diz que existe algo mais nos agrupamentos humanos, e que forças psíquicas mais poderosas atuam no sentido de manterem as pessoas unidas. Na análise da Igreja, Freud (1921/1996b) cita o líder como figura idealizada pelo grupo, tendo capacidade de proteger e castigar. Os membros do grupo o colocam no lugar de ideal do eu, possibilitando a identificação entre si através do ideal que é comum a todos.

O ideal do eu se desenvolve como uma instância de referência. Freud (1921/1996b) a observa como uma formação separada do eu, que torna possível a fascinação amorosa e a submissão à figura de um líder, quando este é colocado pelo sujeito no lugar de ideal de eu. Sendo assim, é o líder-herói que dá ao grupo a sua identidade e suas feições, imprimindo a sua referência, assemelhando-se, também, à figura paterna.

Considerando que o fenômeno religioso se organiza de forma tal a possibilitar

um agrupamento de pessoas, permitindo, assim, relacionamentos entre os homens, Freud (1929/1996e) no texto *O Mal-Estar na Civilização*, partindo de uma análise acerca da religiosidade, apresentou sua concepção acerca do antagonismo entre as exigências da pulsão e as da civilização, considerando que a busca do homem por felicidade e prazer encontra-se em contradição com as restrições impostas pela sua inserção na cultura. Neste sentido, Freud (1929/1996e, p. 74-75) elaborou uma hipótese de que o sentimento religioso seja derivado de um sentimento primário de eu, que “aparece como algo autônomo e unitário, distintamente demarcado de tudo o mais”. Entretanto, essa aparência do eu é enganadora, pois o eu é continuado para dentro, sem qualquer delimitação clara, por uma instância mental inconsciente que é denominada de *Isso*, a qual o eu serve de fachada.

Como Freud (1929/1996e, p. 77) retomou, “originalmente o eu inclui tudo; posteriormente, separa, de si mesmo, um mundo externo”. O sentimento primário do eu permanece em maior ou menor intensidade, co-existindo com um eu que consegue se separar do mundo externo. Sendo assim, o sentimento oceânico, de ilimitabilidade, que tudo abrange, proporcionado pela religião, pode ter sua origem nesse eu primário.

O sentimento, segundo Freud (1929/1996e), só pode ser fonte de energia caso ele mesmo seja a expressão de uma intensa necessidade. Reforça, então, a sua hipótese de que a religião seria oriunda da necessidade do indivíduo em se relacionar com o pai, ou seja, seria uma reedição do sentimento de desamparo infantil. A religião seria explicitada pela necessidade inconsciente de uma proteção e balizamento das ações e procedimentos pessoais contra o destino que é desconhecido. O autor defende que as idéias religiosas seriam uma espécie de defesa para o eu diante dos perigos que o mundo externo pode oferecer.

No que se refere às idéias religiosas, Freud investigou sua natureza no texto *O Futuro de uma Ilusão* (1927/1996d), com o objetivo de compreender a função das crenças religiosas no psíquico humano e de que modo as religiões são capazes de apreender a realidade.

Nesta obra, Freud ressalta a natureza da religião, bem como mostra o que ela pretende fazer pelos seres humanos: oferecer informações sobre a origem e a existência do universo, garantir proteção e felicidade nos diversos momentos da vida e dirigir os pensamentos e ações dos humanos, que se estabelecem com toda sua autoridade. Para o ser humano, a vida é difícil de suportar, pois o sofrimento, segundo Freud (1927/1996d), ameaça os homens a partir de três direções: do próprio corpo, do mundo externo e, por último, dos relacionamentos com os outros homens.

Para tornar o desamparo tolerável, o ser falante criou um conjunto de idéias construídas com o auxílio das lembranças do desamparo da infância. Essas idéias o protegem em duas direções: contra os perigos da natureza e do Destino; e contra os danos que o ameaçam por parte da sociedade.

Tudo que acontece aos homens, neste mundo, vai se configurar como manifestação da inteligência de um ser superior; inteligência esta que ordena tudo para melhor. Sobre cada humano existe uma Providência bondosa que só aparentemente é severa e que não irá consentir que o humano se torne um brinquedo para as forças poderosas e impiedosas da natureza. Dentre essas forças, podemos destacar a própria morte, que não é percebida como uma extinção, mas sim como o começo de uma nova espécie de existência que se acha no caminho da evolução.

Freud (1927/1996d, p. 39) declara que estas idéias religiosas passaram por um longo processo de maturação e se configuram como uma necessidade de defesa psíquica por serem da ordem das ilusões,

“realizações dos mais antigos, fortes e prementes desejos da humanidade”.

O autor ressalva, contudo, que a religião é apenas mais uma etapa do processo evolutivo humano, mas não descarta as vantagens que a doutrina religiosa traz para vida comunal do homem, como a possibilidade de refinamento e sublimação das idéias que tornam possível para ele livrar-se da maioria dos resíduos oriundos do pensamento primitivo e infantil. Ele afirma que o homem, quando exposto a situações de perigo ou quando se percebe apenas um juguete das forças da natureza ou do destino, tende a se amparar na busca de uma proteção divina e, nesse sentido, paterna.

Constituindo ilusões, as idéias religiosas são indiferentes à efetividade. É função da religião impedir o caos e exercer um rigoroso controle social mediante normas, regras e hierarquias. Estes mecanismos estabelecem estruturas rígidas de proibição e intolerância. Baseia-se na sacralização de um objeto, utilizando-se da necessidade de proteção do homem. É enquanto regulação e controle que as interdições sociais são sacralizadas adquirindo mais força.

Verifica-se na leitura de determinadas obras freudianas que este autor compreende a religião, a civilização e a moralidade como advindas do complexo paterno, de uma reedição do sentimento de desamparo infantil. Para tanto, uma espécie de defesa do eu opera e resiste à exigência do mundo externo pela renúncia de satisfação pulsional, fazendo com que o humano reaja ao desamparo que ele tem que reconhecer; esta reação é, justamente, a formação da religião. Para Freud, é à semelhança do pai que os homens constroem para si os seus deuses, dotados de um poder superior e extremamente benevolentes.

2 - REFERÊNCIAS

Freud, S. Totem e Tabu (1996a). In: J. Strachey (Ed e J. Salomão, Trad.), *Edição*

Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XIII, pp. 13-163). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913)

Freud, S. *Psicologia de Grupo e Análise do Eu* (1996b). In: J. Strachey (Ed e J. Salomão, Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XVIII, pp. 79-154). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921)

Freud, S. *O Eu e o Isso* (1996c). In: J. Strachey (Ed e J. Salomão, Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XIX, pp.

15-80). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923)

Freud, S. *O Futuro de uma Ilusão* (1996d). In: J. Strachey (Ed e J. Salomão, Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XXI, pp. 13-63). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927)

Freud, S. *Mal-Estar na Civilização* (1996e). In: J. Strachey (Ed e J. Salomão, Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XXI, pp. 67-148). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1929)

Kaufmann, P. (1996). *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: O legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.